

## O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

**Dra. Déborah C. Cardoso Pereira Rorrato**  0000-0002-7221-840X

**Me. Ivã José de Pádua**  0000-0002-3569-8571

**Me. Patrícia Regina Seter**  0000-0001-5305-3366

**Esp. Aline Cristina Paro**  0000-0002-1346-0132

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**RESUMO:** A crescente presença de pessoas com deficiência, nos mais diversos contextos sociais, impulsionada pela promulgação de dispositivos legais, que garantem essa participação, em igualdade de oportunidade e condições, vem envolvendo também estudantes de língua estrangeira. Para contribuir com este tema, sobre as demandas deste público alvo, que oportunizam concreta apropriação do idioma desejado, apresentamos este trabalho, cujo objetivo é compartilhar particularidades e desafios, que se passaram com um aluno cego, durante seu processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Metodologicamente, para o estudo de caso, utilizamos abordagem descritiva, permeada por análises qualitativas, subsidiadas pelos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural. Retratamos separadamente, as percepções vivenciadas pelo aluno e pelo professor, durante o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Nossos resultados, apontam para a inexistência de formação docente na área do ensino de idiomas a alunos com deficiência, evidenciam obstáculos na adaptação adequada dos materiais e recursos, revelam ainda escassez de pesquisas voltadas à temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino; Línguas Estrangeiras; Atendimento Educacional Especializado.

### THE FOREIGN LANGUAGES TEACHING TO PEOPLE WITH VISUAL IMPAIRMENT AND THE SPECIALIZED EDUCATIONAL ATTENDANCE

**ABSTRACT:** The growing presence of people with disabilities in the miscellaneous social backgrounds, driven by the legal resources enactment which guarantee such participation, in equal opportunities and conditions, has also been involving foreign language students. In order to contribute to this theme, about the demands of this audience, which enable concrete desired language appropriation, we display this paper, which the goal is share particularities and challenges that happened to a blind student during his learning of a foreign language. Methodologically, for the case study, we used a descriptive approach, permeated by qualitative analyses, subsidized by the assumptions of the Cultural-Historical Theory. We picture separately the perceptions experienced by the student and the teacher during the foreign language teaching and learning process. Our findings highlight to the teacher training inexistence in the language teaching area for students with disabilities, show the harshness in the adaptation of adequate materials and resources, and expose the lack of research on the theme.

**KEYWORDS:** Teaching; Foreign Languages; Specialized Educational Attendance.



## 1 INTRODUÇÃO

A contemporânea promulgação de uma série de dispositivos legais, que deliberam acerca dos direitos e garantias fundamentais das pessoas com deficiência, apesar de contribuir com uma perceptível ampliação da presença deste público nos mais diversos contextos sociais, ainda não foi capaz de erradicar, de forma definitiva, as barreiras que se erguem à efetiva participação destes sujeitos dentro de instituições de ensino, mercado de trabalho, ou mesmo em espaços públicos e privados de forma geral.

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2012), apontam que mais de um bilhão de pessoas ao redor do mundo possuem algum tipo de deficiência. No Brasil, segundo informações levantadas no último Senso, realizado no ano de 2010 (IBGE, 2012), cerca de 45 milhões de brasileiros experienciaram a condição de deficiência em suas vidas. Confirmando a partir de tal expressividade numérica, o imenso contingente de sujeitos, que precisam ser respeitados e contemplados nas demandas específicas de sua existência.

Neste prisma, podemos observar a construção de um sistema educacional inclusivo, sensível à diversidade, desenhando-se no Brasil, principalmente após a implantação da Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), ganhando ainda mais força, a partir de 2015, com a instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2019). Tendo impulsionado com isto, estudos e pesquisas que buscam contribuir para a educação plena das pessoas com deficiência, promovendo e ampliando condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem a todos.

Essa garantia do acesso, a uma educação plena e de qualidade à todas as pessoas, inclusive àquelas com alguma deficiência, perpassa ou deveria perpassar, também o ensino de línguas estrangeiras. O domínio de uma língua estrangeira, sobretudo o Inglês, ganha cada vez mais destaque em nosso mundo globalizado, a medida em que vagas de emprego, intercâmbios estudantis, carreira



acadêmica, entre tantos outros, exigem a apropriação do referido idioma. A aprendizagem de línguas adicionais, mobiliza uma série de funções psíquicas superiores como: percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação e emoções, refletindo diretamente na ampliação das possibilidades de desenvolvimento pleno de um sujeito, com ou sem deficiência, uma vez que, de acordo com a teoria Histórico-Cultural, é a partir deste movimento de apropriação dos signos culturais, criados pela humanidade ao longo dos tempos, tal como a aprendizagem de uma nova língua, que se dá o desenvolvimento humano.

Para Vigotski (1997), a gênese do desenvolvimento psíquico do sujeito com deficiência, submete-se as mesmas leis de um desenvolvimento regular, sendo por meio da mediação social, que a aquisição dos signos culturalmente produzidos, promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. De acordo com as pesquisas do referido autor, o desenvolvimento deste psiquismo, afetado pela deficiência, dar-se-á apenas de forma qualitativamente distinta, por meio de vias colaterais, caminhos alternativos de desenvolvimento. Evidenciando ainda que, quando estabelecida a situação da deficiência, as vias alternativas de desenvolvimento, mobilizam-se na direção da compensação social das limitações orgânicas e funcionais decorrentes do déficit biológico. Desta forma, compreendemos que, “o desenvolvimento cultural é a principal esfera em que é possível compensar a deficiência; onde não é possível avançar no desenvolvimento orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural” (VIGOTSKI, 2011, p. 7).

Neste contexto, emergem as significativas potencialidades, compreendidas na aprendizagem de uma língua estrangeira, por parte do sujeito com deficiência, uma vez que tal apropriação, constitui rica fonte de mediações dirigidas e metodologicamente adaptadas, a permitir que este sujeito alcance suas máximas possibilidades enquanto homem cultural.

No presente trabalho, cujo objetivo é compartilhar particularidades e desafios, que se apresentam a um aluno cego durante o processo de aprendizagem



de uma língua estrangeira, relatamos o caminho percorrido por Ivan, estudante com deficiência visual, e sua professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE), Aline, ambos autores do presente texto, em suas aulas de língua Inglesa em parceria com o Programa de Ensino de Línguas (PEL) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). A metodologia empregada em nosso estudo de caso tem caráter descritivo, permeada por análises qualitativas dos dados observados, subsidiados pelas concepções teóricas da Psicologia Histórico-Cultural. O texto está organizado em 2 seções. Inicialmente, apresentaremos os passos percorridos por Ivan no contexto supracitado e, na segunda seção, sua parceria com a professora Aline. Ao final, traçamos algumas reflexões.

## 2 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE IVAN NO PEL

O Programa de Ensino de Línguas (PEL) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) campus Cascavel, é um programa de extensão universitária que atualmente oferta cursos de idiomas – francês, Espanhol, Inglês e italiano - e tem como finalidade apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade e a interação com a comunidade interna e externa, cobrando taxa única de matrícula, sem cobrança de mensalidades e conta com alunos com deficiência visual, matriculados para estudar as línguas Espanhola e Inglesa<sup>i</sup>.

As atividades desenvolvidas pelo PEL tiveram início no ano de 2003, com a oferta do curso de língua Inglesa, tendo sido ampliada a oferta de novos idiomas nos anos que se seguiram. No ano de 2006, 3 anos após o início das atividades do PEL, foi realizada no curso de Espanhol a primeira matrícula de um estudante com deficiência visual<sup>ii</sup>.

Já em 2016, 10 anos mais tarde, Ivan José de Pádua, como já mencionado, também autor deste artigo, ingressou como aluno regular no programa de mestrado em educação<sup>iii</sup> da UNIOESTE. Com o objetivo de ser aprovado na prova



de proficiência em língua Espanhola, requisito exigido no programa de pós-graduação, bem como seu interesse no conhecimento da língua Espanhola para leitura de livros e artigos científicos, Ivan matriculou-se no PEL.

No primeiro ano do curso de Espanhol, Ivan não contou com o auxílio de professores de AEE, impedimento que acarretou uma série de desafios. A utilização de slides durante as aulas, e até mesmo, o uso das figuras encontradas no material didático sem a devida descrição, limitavam sua participação plena, na realização das atividades propostas. Sem o apoio especializado, o ritmo das aulas parecia sempre um pouco além do ideal, para as demandas de uma pessoa cega, tendo em vista que tanto a leitura quanto a escrita no Braille, acontecem num ritmo um pouco mais lento que o da escrita em tinta.

Vale pontuar, que na escrita Braille é necessário realizar a combinação de até 6 pontos, para que se escreva um único caractere, e para a leitura é preciso que se corra os dedos, sobre cada uma das combinações, para que estejamos certos da palavra ali formada, não sendo possíveis, as antecipações mentais, tão comuns quando se lê com os olhos. Em sua pesquisa sobre adaptação de material didático de língua Inglesa para alunos cegos, Cordeiro (2017) conclui que leitura em Braille é, de fato, mais demorada que aquela em tinta e ainda mais cansativa fisicamente.

Ainda sobre o Braille, é preciso esclarecer, que se trata e um código de escrita tátil que possibilita às pessoas com deficiência visual, parcial ou total o acesso à leitura e a escrita de forma autônoma. Este código de escrita, é construído por uma estrutura de pontos em relevo, organizada em seis pontos verticais, divididos em duas colunas de três pontos, possibilitando um total de 64 combinações, que formam letras, números e símbolos. Desta forma, por meio do tato, os sujeitos que têm conhecimento do Braille, podem realizar suas leituras de todos os tipos, como livros, revistas, jornais, manuais de todos os idiomas. Durante seu relato, Ivã destaca a utilização do Braille como ferramenta



fundamental em seu processo de aprendizagem do novo idioma, sobretudo para a compreensão e fixação da grafia correta das palavras aprendidas.

Na sequência de sua trajetória na língua Espanhola, ao iniciar o segundo ano, a docente regular propôs que um aluno do curso de Letras-Espanhol da Unioeste, o acompanhasse durante as aulas e provas, para que tivesse melhor aproveitamento do curso. Apesar do monitor não possuir uma formação adequada, para realizar adaptações e estratégias específicas, para atender as demandas da condição de Ivan, as descrições e explicações de contextos visuais, tornaram as aulas mais acessíveis e ampliaram sua compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Seu material didático, sempre foi enviado ao Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE)<sup>iv</sup> e devidamente digitalizado e adaptado<sup>v</sup> em arquivo de texto para que pudesse ser lido, tanto na linha Braille<sup>vi</sup>, quanto no computador com o DOSVOX<sup>vii</sup>. Exceto as avaliações, as quais eram disponibilizadas em papel e escritas em tinta, assim demandavam a presença do monitor, que fazia a leitura das questões e a transcrição das respostas, no mesmo dia e hora que os demais alunos, porém em uma sala individualizada, situada no setor de Atendimento de Educação Especial, com tempo adicional para conclusão de todas as etapas necessárias, como prevê o estatuto da pessoa com deficiência (BRASIL, 2019).

Evidenciamos aqui que, apesar da presença do monitor ser de fundamental importância, para a realização da avaliação, no formato em que foi disponibilizada, isto é, escrita à tinta, o ideal seria ter a avaliação disponibilizada em Braille, ou em arquivo de texto para ser realizada no computador com o leitor de telas, possibilitando uma realização autônoma e independente, sem a distração proporcionada pela dependência de terceiros.

Depois de cursar dois anos de língua Espanhola, Ivan obteve aprovação na prova de proficiência e foi quando decidiu cursar língua Inglesa também no PEL, em 2018. No curso de Inglês, ele tem sido acompanhado por docente<sup>viii</sup> AEE do



PEE da UNIOESTE, a qual atua nessa digitalização e adaptação do material, faz a leitura de exercícios e descrição de imagens trabalhadas durante as aulas regulares, ministradas pelo docente do curso de língua Inglesa.

Outra função da docente de AEE, é adaptar o material com antecedência, para tornar compreensivo o preenchimento de lacunas, tabelas, colunas, exercícios, e prestar atendimento antes das aulas, na resolução dos conteúdos e atividades, para que as dúvidas possam ser sanadas por Ivan antes e durante as aulas de Inglês, com o docente do curso<sup>ix</sup>.

Com a chegada do ano de 2020, como sabido, o mundo enfrentou a maior pandemia dos últimos 100 anos, o novo coronavírus SARS-COV2, e os sistemas de ensino, tiveram que se reorganizar, para garantir a continuidade do ensino no período da pandemia. Com as pessoas em isolamento social, o PEL passou a ofertar aulas síncronas on-line, ou seja, professor e alunos participando da aula em tempo real, dentro de uma plataforma de vídeo conferência, neste caso, o *Zoom*.

Para utilizar a plataforma, Ivan não enfrentou dificuldades no acesso, utilização e interação, uma vez que já fazia uso frequente de recursos de tecnologia assistiva em seu dia a dia, contando com o leitor de tela do computador e do *smartphone* para sua participação das aulas on-line.

Segundo Ivan, neste período, mesmo com as aulas acontecendo em um novo formato, o professor conseguiu organizar e continuar promovendo atividades de conversação, tão importantes para desenvolver a fluência da nova língua. Para isto, a turma era dividida em pequenos grupos, organizados em diferentes salas de *web* conferência, o que permitia que os alunos pudessem continuar aperfeiçoando sua pronúncia e vocabulário.

Durante a realização das aulas on-line, Ivan, além de utilizar a plataforma *Zoom* para acompanhar o curso, fazia uma chamada pelo *Whatsapp* para se comunicar com a docente de AEE e usava dois fones de ouvido sobrepostos, um para ouvir as orientações da referida docente e outro para acompanhar as aulas<sup>x</sup> regulares. Além do encontro semanal, para a aula de duas horas, Ivan e Aline se



encontram duas vezes por semana, por aproximadamente duas horas, onde são realizadas a leitura do conteúdo, pronúncia, escuta dos áudios pausadamente e resolução dos exercícios do tema que será abordado na aula seguinte.

Atualmente, as aulas do curso de Inglês no formato presencial, já foram retomadas e a rotina de estudos organizada pela professora do AEE, também voltou aos mesmos moldes anteriores a pandemia. Fator que garante a priorização de atividades de leitura em Braille, as quais, para Ivan, são essenciais para a aprendizagem do idioma, pois promove melhor compreensão e fixação, possibilitando a escrita correta das palavras em Inglês e minimiza as confusões trazidas pelos diferentes fonemas relacionados à uma mesma letra no Inglês.

Vale informar que o PEL também oferece provas de proficiência de línguas estrangeiras, presencial e on-line, exigidas nos programas de mestrado e doutorado. Cinco acadêmicos com deficiência visual, do curso de mestrado em educação foram contactados e relataram que em 2008, 2013, 2015, 2017 e 2021 se inscreveram e solicitaram Atendimento Educacional Especializado e obtiveram o conceito de aprovação.

Atualmente, o PEL possui 02 estudantes com deficiência visual, matriculados nos cursos de língua Inglesa e Espanhola. Tais estudantes contam com o trabalho da AEE realizado pelo PEE da UNIOESTE. O PEE oferece suporte técnico, científico e acadêmico necessários às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, desenvolvidas pela universidade na área da educação, buscando garantir não somente o acesso, mas também e principalmente, a permanência em igualdade de condições, do acadêmico com algum tipo de deficiência.

O atendimento ofertado pelo PEE, pode realizar-se em diferentes formatos, trabalhos como identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos de acessibilidade e estratégias, considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo, ou seja, a partir das demandas particulares relacionadas à deficiência de cada estudante.



Na próxima seção, compartilharemos as ações realizadas por Ivan em parceria com a professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE), Aline, também autora deste texto, neste contexto específico de aulas de Inglês no PEL.

### **3 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)**

A Educação Especial, no contexto da nova Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, é definida como uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades de educação (BRASIL, 2008), devendo ser ofertado aos alunos com deficiência, público alvo da educação especial, com vistas a promover o acesso e as condições para uma educação de qualidade.

Para fins de definição terminológica e legal da pessoa com deficiência, enquanto público-alvo do referido Atendimento Educacional Especializado, considera-se pessoa com deficiência, segundo a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2019), aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Restando a cargo do Atendimento Educacional Especializado (AEE), a atribuição de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação destes alunos, considerando suas necessidades específicas (BRASIL, 2008).

Desta forma, compreendemos que quando a deficiência impõe obstruções durante o processo de ensino aprendizagem de um estudante, o trabalho do profissional do AEE consiste em instrumentalizar ações que possibilitem o acesso da pessoa ao conhecimento pleno do objeto de estudo em questão, respeitando



neste processo, as características particulares de cada sujeito. Na subseção seguinte, compartilharemos a parceria entre Aline e Ivan.

## 4 O ENSINO DE INGLÊS NA PRÁTICA: A PARCERIA ENTRE IVAN E ALINE

Em fevereiro de 2020, Aline<sup>xi</sup> iniciou seu trabalho na UNIOESTE com o cargo, via Processo Seletivo Simplificado<sup>xii</sup> (PSS), de “Pedagoga da área de educação especial, para Atendimento Educacional Especializado, aos acadêmicos com deficiência e necessidades educacionais especiais”<sup>xiii</sup>. Como já explicado, no mês seguinte, houve a necessidade de suspensão do calendário acadêmico devido à pandemia. Por esse motivo, o trabalho entre a professora Aline e o Ivan, foi de três horas semanais de apoio pedagógico divididas em três atendimentos de uma hora e, assim que iniciaram as aulas remotas, a participação da professora passou a ocorrer durante todas as aulas on-line e nos três encontros de apoio semanais, como previamente relatado.

A língua Inglesa possui uma construção gramatical e regras fonográficas diferentes da língua portuguesa. O português é considerado uma língua fonética, o que significa que há uma boa correspondência entre o som e sua ortografia (GODOY *et al.*, 2006), ou, em outras palavras, as letras e suas combinações, dentro das palavras são pronunciadas de forma que se possa compreender quando escritas, diferente do Inglês, em que a combinação das letras pode gerar sons bastante distintos. Godoy *et al.* (2006) nos trazem dois exemplos: *ski* e *sky*, palavras que podem causar dúvidas quanto ao som final: /i:/ ou /ai/?

Enquanto falantes da língua portuguesa, podemos ter dificuldades em relação à escrita de algumas palavras, se usamos s ou z; ss ou ç; j ou g, mas dificilmente iremos nos enganar sobre como pronunciá-las. Por outro lado, falantes nativos do Inglês não raramente se questionam sobre a pronúncia correta de determinada palavra, razão pela qual dicionários da língua Inglesa possuem a pronúncia das palavras e os em língua portuguesa (GODOY *et al.*, 2006).



Já o sistema Braille, como mencionado anteriormente, é formado por seis pontos dispostos em duas colunas e três linhas, com 64 combinações diferentes, cada letra, palavra e frase está internalizada na pessoa cega, de acordo com seu idioma de origem, assim toda vez que uma pessoa ler a letra “A”, ponto 1 no sistema Braille, por exemplo, irá se lembrar do grafema em português.

Quando Aline começou a orientar Ivan, logo na primeira página do livro *New Interchange: Student's Book 3<sup>xiv</sup>*, havia um diálogo com o pronome “I”. Quando realizada a leitura /ai/, ele questionou seu significado e o som relativo ao português “mas não é /i/?”. Ao ouvir o verbo “is” ele, então, questionou por que a leitura era diferente e se tinha como saber algo que indicasse a mudança de som em cada palavra. Naquele momento, Aline não soube responder, mas iniciou um estudo mais aprofundado no assunto.

Vale refletirmos sobre a formação de docentes para atuar como profissional de AEE. Além da formação específica em pedagogia, exigido em edital de contratação, Aline não é formada especificamente em Letras, ou seja, não possui formação profissional para o ensino desta língua estrangeira. Seu conhecimento linguístico advém da realização de um ano de curso de Inglês em uma escola de idiomas e seu interesse por músicas e filmes nessa língua.

O atendimento entre Aline e Ivan era remoto, a professora notou que todo acesso do Ivan ao material tinha sido por meio de dispositivos eletrônicos, principalmente computador e os leitores de tela estavam configurados em português, assim ela concluiu que ele não tinha tido acesso a relação entre fonema em língua Inglesa e grafema até então. Como ele já havia realizado dois anos de curso, com auxílio de outros professores de AEE, Aline buscou desenvolver uma estratégia que desse somente sequência a parte gráfica que ele já possuía, porque voltar ao primeiro ano estava fora de cogitação.

A professora buscou auxílio junto ao PEL, com a indicação de livros que pudessem ajudar, e foram indicados dois livros sobre fonética e fonologia em língua Inglesa, que contribuíram para seu entendimento, de que dependendo das



consoantes existentes e da origem da palavra, existia uma tendência a parecer com o som das palavras em português, mas que havia muitas exceções. Aline, então, criou uma lista de palavras separadas por sons entre “latinos, não latinos e mistos”, mas não foi possível organizar em uma sequência que fizesse sentido, então pensou que teria que retomar novamente tudo que ele tinha estudado até então.

Com o tempo, todas as palavras passaram a ser soletradas pela professora AEE para o Ivan, mesmo aquelas que ele não tivesse perguntado. Assim, ele passou a associar o som das palavras ao que ele já conhecia graficamente, esse processo de associação entre fonema e grafema, se deu a medida em que avançavam com o conteúdo durante as aulas.

Outra especificidade foi percebida pela docente, ainda antes do retorno das aulas presenciais no PEL, quanto ao fato de como se dá apropriação da leitura em Braille. O sujeito precisa tocar letra por letra até formar uma palavra, com o tempo e dependendo das palavras, é possível identificar qual é o significado ainda no começo ou no meio, mesmo assim só se pode ter certeza quando chegar ao fim, dessa maneira o processo de reconhecimento mental da imagem acústica, assim como a união entre signo e significante, como foi descrita por Saussure é mais demorada comparada as pessoas que enxergam (DDECIAN; MÉA, 2005).

Este entendimento, não se deu de modo sistematizado em um primeiro momento, entretanto sob a ótica de Saussure, percebemos que para se apropriar de um novo idioma é necessário realizar esse processo entre signo, significado e significante neste outro idioma.

Aprendizes de línguas estrangeiras, possuem o hábito de escrever a tradução das palavras junto dos novos vocabulários com a intenção de olhar o significado e assim memorizar mais rapidamente, ou seja, associar dois significantes diferentes, a um mesmo significado facilita o processo de aquisição do novo significante. Tal prática diz respeito à abordagem da Gramática e da Tradução (AGT) a qual, segundo Leffa, “consiste no ensino da segunda língua pela



primeira” (2016, p. 23). E, apesar de ser considerada a abordagem mais antiga de ensino de línguas estrangeiras, é ainda bastante utilizada e pode ser eficaz.

O principal desafio neste sentido é sobre como a pessoa cega, irá memorizar o significado das palavras em Inglês, sendo que o processo orgânico visual da identificação da imagem acústica, não está disponível.

O trabalho entre Aline e Ivan, sempre contou com a tradução do material didático, ou seja, do Inglês para o português. No entanto, inicialmente, os outros professores de AEE que realizavam tal trabalho, não tinham conhecimento da língua Inglesa e o faziam por meio do *google* tradutor. Aline optou por continuar com este processo de tradução, aperfeiçoando-o por meio do seu conhecimento da língua, e garantindo ao estudante a memorização de novos vocabulários.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de línguas estrangeiras no Brasil, enfrenta diferentes desafios e obstáculos e, quando se trata desta oferta para alunos com deficiência visual, as barreiras são ainda maiores, sejam elas relacionadas à formação docente específica, à adaptação de materiais, ou à escassez de pesquisas na área. Neste estudo, objetivamos compartilhar a parceria entre Ivan, aluno cego do Programa de Ensino de Línguas (PEL) da UNIOESTE, e sua professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) Aline.

O contexto supracitado, serve de exemplo para outros programas e escolas de idiomas que almejam fazer parte de um sistema educacional inclusivo. Afinal, mesmo com a implantação de políticas e leis nacionais (BRASIL, 2008; 2019) que fortaleçam tal movimento, a prática ainda é realizada de forma bastante orgânica, intuitiva e variável em cada contexto.

Fator que nos leva a refletir sobre a formação da profissional de AEE. No caso da Aline, como mencionamos, ela é pedagoga, especialista em educação especial, mas não é graduada em Letras. Essa é a realidade brasileira: de um lado



temos os cursos de licenciatura em Letras que, de forma geral, não oferecem formação específica, para que os profissionais graduados possam atuar com alunos com deficiência e, de outro, a formação na área de Educação Especial é realizada em raros cursos de graduação e/ou, em sua maioria, em nível *lato sensu* ou *stricto sensu*, mas sem o conhecimento específico de uma língua estrangeira, como o Inglês.

Ademais, ao se tratar do ensino desta língua em questão é necessário observar suas especificações, como nos apontam Godoy et al (2006): “o Inglês tem muito mais sons do que letras, então os símbolos fonéticos são importantes para indicar esses sons” (GODOY *et al.*, 2006, p. 28). Qual profissional terá conhecimento suficiente para aperfeiçoar a pronúncia de alunos cegos a partir do estudo de símbolos fonéticos em Braille? Graduados em Letras? Graduados e/ou especializados em Educação Especial? Com ênfase em deficiência visual?

Por fim, entendemos que na busca de promover o real acesso da pessoa com deficiência, à possibilidade de apropriação de um novo idioma, muitos desafios precisam ser superados. Acreditamos na atuação do profissional docente de AEE como riquíssimo recurso assistivo, capaz de mediar o conhecimento a ser aprendido devidamente adaptado às demandas específicas de cada aluno. Evidenciamos também a fundamental contribuição dos recursos de tecnologia assistiva, como sistema de escrita Braille, leitores de tela, sintetizadores de voz, linha Braille, entre outros, capazes de promover funcionalidade, potencializando as possibilidades de apropriação intelectual e consequente desenvolvimento do sujeito cego.

Compreendemos assim, que quando ofertadas as mediações e recursos necessários, a aprendizagem de uma língua estrangeira é plenamente passível de ser alcançada por uma pessoa com deficiência visual, abrindo-lhe novos horizontes, trazendo novas oportunidades de contato com outras culturas e contribuindo com a ampliação de sua autonomia e independência no que tange sua comunicação e compreensão de outros idiomas.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. 3 Ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

DECIAN, M. M.; MÉA, C. H. P. D. O Signo Linguístico: De Saussure A Benveniste. **DisciplinarumScientia**, Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 6, n. 1, p. 93-109, 2005.

LEFFA, V. J. **Língua estrangeira**. Ensino e aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

Organização Mundial da Saúde - OMS. **Relatório mundial sobre a deficiência**. São Paulo: SEDPcD, 2012.

SETER, P. R. **Tecnologia Assistiva mediando processos compensatórios na deficiência visual**. 173f. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Paraná. 2022.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, 37(4), 861-870, 2011.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas: fundamentos de defectologia**. v. 5. Madrid: Visor, 1997.

GODOY, S. GONTOW, C. MARCELINO, M. **English Pronunciation for Brazilians: The Sounds of American English** – São Paulo: Disal, 2006.



CORDEIRO, A. B. A. A. **A adaptação de material didático para pessoas com deficiência visual como prática formativa de professores de língua inglesa.** 2017. Monografia (Graduação em Letras, língua inglesa) – Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa, 2017.

RICHARDS, J. C., HULL, J. & PROCTOR, S. **New Interchange: Student's Book 3.** 5. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

Recebido em: 15-08-2022

Aceito em: 24-10-2022

<sup>i</sup> Para maiores informações: <https://www.unioeste.br/portal/pel-programa-de-ensino-de-linguas/386-proex/programas-institucionais/pel/55879-historico>

<sup>ii</sup> Na época, a discente contava com o auxílio de uma lupa eletrônica para ampliar a tela em um monitor de 23 polegadas e teve uma mesa confeccionada com espaço suficiente para a lupa e os materiais.

<sup>iii</sup> Ivan obteve o título de mestre em Educação em 2018.

<sup>iv</sup> Programa comumente conhecido como Programa de Educação Especial (PEE).

<sup>v</sup> Para Ivan, apesar de estar habituado com a utilização do sistema DOSVOX a realização das atividades de língua estrangeiras são melhor executadas em Braille, pois a leitura de textos em outros idiomas a partir dos sintetizadores de voz dificulta a apreensão da correta ortografia de cada nova palavra.

<sup>vi</sup> Linha Braille é um dispositivo de saída tátil, que ao ser conectado a um computador, *smartphone* ou cartão de memória permite que conjuntos de pontos em relevos sejam levantados e abaixados, possibilitando a transposição dinâmica das informações escritas nas telas ou contidas na memória para o código de escrita Braille (SETER, 2022).

<sup>vii</sup> O DOSVOX é um sistema operacional desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ, cuja finalidade é auxiliar pessoas com deficiência visual no uso autônomo de computadores por meio de sintetizador de voz (SETER, 2022).

<sup>viii</sup> Aline e Ivan começaram a trabalhar juntos em março de 2020, antes disso, Ivan teve outras professoras de AEE. Em razão da pandemia, ele conseguiu realizar apenas uma aula presencial com outra professora, depois passou para o ensino remoto, foi então que Aline assumiu os atendimentos.

<sup>ix</sup> Na próxima seção traremos mais detalhes sobre a atuação da docente de AEE neste contexto específico.

<sup>x</sup> A professora de AEE só se manifesta conforme for solicitada pelo aluno com deficiência visual, fator que não compromete o entendimento da aula, nem prejudica os outros alunos.

<sup>xi</sup> Aline é pedagoga formada pela União Dinâmica de Faculdades Cataratas (UDC) em Foz do Iguaçu e Especialista em Educação Especial Altas Habilidades e Super Dotação.

<sup>xii</sup> Na Unioeste, a docente de AEE tem sido contratada viaPSS, em razão da falta de servidores efetivos e concursos públicos. Em fevereiro de 2022 o contrato da Aline foi encerrado e o Ivan teve outras duas professoras diferentes até que em maio deste mesmo ano a professora Aline foi recontratada. Tal fator dificulta o processo de ensino aprendizagem de alunos com deficiências, haja vista a complexidade e necessidade das interações e relações com tais profissionais. Vale ressaltar que Aline atende outros dois alunos com deficiência, além do Ivan, sendo um deles deficiente auditivo.

<sup>xiii</sup> Para maiores informações, verificar o edital de contratação: <https://www.unioeste.br/portal/interno/docente-pss/1473-2021/58616-3-pss-2021-docentes>

<sup>xiv</sup> RICHARDS, J. C., HULL, J. e PROCTOR, S. (2017).

